PROEJA E EJA: UM ESTUDO COMPARATIVO À LUZ DA LINGUÍSTICA

Cristiana Barcelos da Silva (UENF)
cristianabarcelos@gmail.com
Gerson Tavares do Carmo (UENF)
gtavares33@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, estimular reflexões ligadas às questões que envolvam o entrosamento entre a oralidade e os recursos utilizados em sua prática espontânea e diária. Busca fundamentado em teorias linguísticas, analisar o elemento discursivo "*ah*" e identificar, do ponto de vista lexical, o tipo de função pragmático-discursiva desse elemento presente no corpus "A Língua Falada na região Norte Noroeste Fluminense". Para construção deste trabalho, observamos de forma comparativa, o seu uso nas falas orais de dois diferentes grupos formados por alunos matriculados na chamada Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em um programa denominado Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. (PROEJA).

Palavras-chave: EJA. PROEJA. Discursivização.

1. Introdução

O presente trabalho teve como objetivo analisar o uso do item *"ah"* na fala de alunos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), residentes na região norte-noroeste fluminense do estado do Rio de Janeiro. Como *corpus* de análise utilizamos a coletânea intitulada *A Língua Falada na Região Norte-Noroeste Fluminense*, organizada pela professora Eliana Crispim França Luquetti, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). A escolha pelo *corpus* se deu pelo fato de conter textos produzidos em situações reais de fala. Já a opção pelo item "*ah*" ocorreu devido a sua frequência na fala de alunos jovens e adultos dessa região.

A partir da leitura de autores basilares, como: Martelotta (1996), Bagno (2007) e Labov (2008), dentre outros, verificamos que o item em questão desempenhou diferentes funções pragmático-discursivas do ponto de vista da sociolinguística variacionista, a saber: dêitico catafórico, dêitico anafórico e preenchedor de pausa. A função mais evidenciada do item, considerando todos os sujeitos desta pesquisa, foi a de dêitico ca-

tafórico, como podemos visualizar nos gráficos apresentados ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Este uso correspondeu à gênese de um processo de discursivização da língua. É importante destacar que, para a análise, levamos em consideração o contexto linguístico, seu comportamento sintático, bem como sua noção semântica no contexto das falas.

Cada informante produziu cinco tipos distintos de textos orais: a) narrativa de experiência pessoal; b) narrativa recontada; c) descrição de local; d) relato de procedimento; e e) relato de opinião. Entretanto, ao analisarmos as transcrições, foi possível perceber a ocorrência do *"ah"* somente em narrativas orais de experiência pessoal, já que este subgênero explora o campo da experiência com eventos do dia a dia, registrados na lembrança, contados para outros.

Neste estudo, estivemos interessados no papel desempenhado pelo item *"ah"* no processo de comunicação, não importando o ponto de vista conservador de gramáticos tradicionais.

Assim, a elaboração deste artigo foi organizada da seguinte forma: *a priori*, buscamos estudar os marcadores discursivos do ponto de vista histórico, identificando os autores que realizaram os primeiros estudos a respeito dessa temática. Num segundo momento, nos propomos a realizar a tarefa de estudar o processo de discursivização com o objetivo de compreender de que maneira algumas partículas linguísticas passam a desempenhar funções diversas na língua falada, analisando que tipos de funções podem ser essas e como elas podem, portanto, serem categorizadas. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. A próxima etapa foi subdividida em três momentos: análise das ocorrências do termo "*ah*" nos discursos orais presentes no *corpus*, tabulação numérica desses dados e categorização do ponto de vista da lexical e funcional da partícula nas falas. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

2. História dos marcadores

A sociolinguística, segundo Bagno (2007), surgiu enquanto ciência nos Estados Unidos em meados da década de 1960, impulsionada por Willian Labov que se debruçou-se sobre os estudos da língua com foco na variação linguística.

A publicação da obra seminal, em 1972, *Sociolinguist Patterns* (*Padrões Sociolinguísticos*), marcou o nascimento oficial dessa área de

estudos, quando Labov (2008) esclareceu o objetivo de desvendar os enigmas das mudanças linguísticas, pautando-se na ideia de que a língua muda, porque não há línguas e sim falantes vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas e que a transformam.

Por consequência das pesquisas desse estudioso, a sociolinguística variacionista encontrou campos férteis a partir da década de 1970 no Brasil, visto que a variação foi entendida como fenômeno da língua, cuja primazia era desvendar os enigmas das mudanças linguísticas a partir dos falantes. (BAGNO, 2007)

Desse modo, identificamos que estudos direcionados aos marcadores discursivos aumentaram na segunda metade do século XX, sobretudo, voltados para a percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala e nos seus aspectos discursivos. Assim, observou-se, nos estudos linguísticos contemporâneos, um esforço em ultrapassar o limite das estruturas gramaticais da oração para a abertura de um novo olhar em relação à língua. (VEZ, 2000)

Pesquisadores da língua, como Almeida & Marinho (2003) e Escandell (2006), argumentaram que uma das maneiras de fazer com que um texto tenha sentido seria por meio de elementos que funcionem como conexões entre as palavras, frases, orações e parágrafos. Segundo Escandell (2006), um dos problemas que mais preocupou gramáticos, filósofos e pragmaticistas foi encontrar uma maneira de descrever o valor desses elementos. Devido à diversidade de questões teórico-metodológicas, foi possível encontrar termos como *marcadores de relação textual, operadores discursivos, enlaces extraoracionais, conectores discursivos, conectores pragmáticos, partículas pragmáticas e partículas discursivas.* Todos esses nomes, apesar da diversidade, referiam-se aos mesmos elementos.

A partir do século XX, estudos identificaram certos elementos linguísticos que não se ajustavam às classes gramaticais já existentes e, pela primeira vez, linguistas analisaram as suas características particulares como usos discursivos, empregos enfatizadores, valores expressivos, entre outros. Gili Gaya pareceu ser uma das primeiras pessoas a nomeá-los de *enlaces extraoracionais*, apontando para certas propriedades, como o fato de pertencerem a registros diferentes, bem como chegarem a se constituírem como apoios na fala. (ESCANDELL, 2006)

Nesse sentido, Almeida & Marinho (2003) apontaram que, a partir da década de 1970, o estudo dos marcadores discursivos recebeu uma atenção especial por meio de orientações teóricas muito diferentes e com aplicação no uso social da língua.

O termo *marcadores do discurso* (ou *marcadores discursivos*) foi comentado pela primeira vez por Willian Labov e David Fanshel e a pesquisadora Deborah Schiffrin talvez tenha sido uma das pioneiras que se dedicou, em profundidade, aos marcadores discursivos em sua obra intitulada *Discourse Markers* (1987) – momento em que os considerou elementos que marcavam unidades sequencialmente dependentes do discurso e não cabiam facilmente em uma só classe linguística – já que incluíam recursos paralinguísticos e gestos não verbais. (ALMEIDA & MARINHO, 2003)

O espanhol José Portolés (1998), ao conceituar os marcadores, explicou que tais elementos não possuíam função determinada, desempenhando funções indefinidas no discurso e, por isso, relevantes para o estudo da língua.

> Os "marcadores do discurso" são unidades linguísticas invariáveis, não exercem função sintática no marco da predicação oracional e possuem uma incumbência coincidente no discurso: o de guiar, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação. (PORTOLÉS, 1998, p. 23-24)

O pesquisador utilizou o termo marcador, referindo-se aos estruturadores da informação, conectores e reformuladores. Em certo ponto, todavia, foi inegável afirmar que houve historicamente uma interseção entre os grupos de pesquisadores que estudaram essas unidades discursivas, considerando que existia a conexão da relação entre as unidades linguísticas e as unidades contextuais. (PORTOLÉS, 1998)

Outro elemento utilizado para referir-se a esses elementos foi a palavra conector, como preferiu denominar a suíça Rossari que, inicialmente, chamou-o de conector pragmático, referindo-se a unidades discursivas que tinham por função, significar uma relação que se estabelecia entre unidades linguísticas ou contextuais. Do ponto de vista conceitual, considerou-se que as relações podiam ser definidas em termos lógicos e temporais que subsistiam entre os acontecimentos evocados. (ALMEIDA & MARINHO, 2003)

Em resumo, os marcadores textuais seriam "[...] expressões linguísticas que, ao poder atuar tanto na estrutura oracional como fora dela,

ou seja, no âmbito textual, desempenham importante função na articulação do discurso". (MARINHO, 2005, p. 14)

3. Elementos dêiticos e os processos de gramaticalização e discursivização da língua

No livro *Introdução à Linguística II*, Fiorin (2005) apontou a pragmática como a ciência linguística do uso, que considerava o usuário e o contexto das interações verbais. Seu objeto de pesquisa, portanto, referia-se ao estudo da língua pelos seus interlocutores. Por essa perspectiva, dirigiu-se aos dêiticos enquanto elementos que indicavam o lugar ou tempo em que a fala foi produzida, podendo somente "[...] ser entendido dentro de uma dada situação de comunicação". (FIORIN, 2005, p. 162)

Observando a ocorrência de elementos que tendiam a desempenhar funções diferentes em relação à língua falada e à língua escrita, Almeida & Marinho (2003) assinalaram os marcadores discursivos como

> [...] aqueles signos que não contribuem diretamente para o significado conceitual dos enunciados, mas que os orientam e ordenam as inferências que se obtêm a partir deles. Ou seja, o significado dos marcadores contribui para o processamento do que se comunica e não para a representação da realidade comunicativa. (ALMEIDA & MARINHO, 2003, p. 177-178)

Nessa vertente, Martelotta (1996) abordou o processo de discursivização da língua quando definiu o marcador discursivo como processo no qual um elemento não teria mais relação com as normas gramaticais, mas com o discurso. Para o autor, uma vez que esses elementos não possuíam lugar na gramática da língua, acabavam inserindo no processo de gramaticalização, recebendo a denominação de marcadores discursivos. Martelotta (1996) reforçou o conceito, demonstrando que

> Gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (MARTELOTTA, 1996, p. 24)

De acordo com Castelano et al. (2012), o processo de discursivização, foco deste trabalho, por sua vez, levaria a unidade linguística a adquirir a função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção oral quando a sua linearidade for, momentaneamente, perdida

ou utilizada para preencher os vazios ou interrupções na fala. A autora reforçou que no quadro da linguística funcional, a discursivização foi um fenômeno associado ao processo de regularização do uso da língua. Devido ao seu viés de marcador na produção da fala, também relacionou a importância do marcador discursivo ao fenômeno sociolinguístico de variação da língua (CASTELANO et al., 2012). Dessa forma, a trajetória do processo de discursivização foi marcada por uma passagem do léxico para o discurso, via gramática, ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com função gramatical e, em seguida, assume função de marcador. (MARTELOTTA, 1996)

4. Metodologia

Ao analisar outros elementos, percebeu-se que nesta pesquisa os usos do elemento *"ah"* possuíam uma origem espacial/temporal, e se explicavam por um processo de discursivização espaço > (tempo) > texto. A partir desse processo, o elemento pareceu desempenhar as seguintes funções pragmático-discursivas na fala: a) dêiticos catafóricos; b) dêiticos anafóricos; e c) preenchedores de pausa. Notório ressaltar que, analisando os resultados, percebeu-se uma maior predominância nas ocorrências do elemento como dêitico catafórico.

Pautando-se na ideia de que vários elementos da língua são marcadores discursivos e compreendendo, por vezes, que não possuem função gramatical rígida, optou-se por analisar o uso da partícula *"ah"* como item lexical utilizado com certa frequência no uso social da língua. (MARTELOTTA, 1996)

Utilizou-se, neste trabalho, como referência de análise, o *corpus* "A Língua Falada na Região Norte Noroeste Fluminense" (LUQUETTI, 2014), constituído por um conjunto de entrevistas orais e escritas. Foram analisadas entrevistas na modalidade oral com todos os cinco tipos de narrativas: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e descrição de lugar.

Com o objetivo de chegar a uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, analisamos 29 ocorrências do elemento *"ah"* nas narrativas, com a seguinte distribuição: 24 ocorrências no depoimento dos 21 alunos do PROEJA e seis ocorrências dos cinco depoimentos dos da EJA. A opção de analisar a fala ocorreu devido ao entendimento de que a oralidade ofereceria recursos férteis para análise da língua enquanto produto social.

Em relação ao *corpus*, Maingueneau (1997, p. 46) reforçou que: "Na realidade, mesmo os *corpora* escritos não constituem uma oralidade enfraquecida, mas algo dotado de uma 'voz'. Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica: "a oralidade não é o falado [...]".

Assim, a partir da análise do elemento *"ah"*, procurou-se observar a relação entre a função pragmático-discursiva referente à distribuição das ocorrências do elemento na língua falada. Esta, caracterizada pela diversidade e pela heterogeneidade, descrita de forma sistemática nas pesquisas sociolinguísticas.

Desse modo, utilizou-se os estudos teóricos de Martelotta (2004), Almeida e Marinho (2003) como referência neste trabalho para evidenciar o uso do marcador discursivo *"ah"*, com o intuito de demostrar sinais de gramaticalização e as funções desempenhadas pelo elemento nas circunstâncias de comunicação. O recorte da comunidade de fala que constituiu a amostra estratificada deste trabalho foi composta por depoimentos de discentes residentes em cidades do interior do estado do Rio de Janeiro, sendo um grupo matriculado em escolas de EJA e outros em instituições que ofereciam (PROEJA) EJA integrada a um curso profissionalizante.

Levando em consideração o uso social e comunicativo da língua, suas complexidades e algumas pesquisas linguísticas na contemporaneidade, esperou-se que este estudo contribuísse, mesmo que de maneira simplória, com a produção de conhecimento nessa área, uma vez que

> [...] toda língua apresenta áreas que estão em fluxo, o que faz com que surjam novas variações, decorrentes do aspecto criativo do discurso. Por outro lado, a comunicação pressiona a língua em direção a uma maior regularidade e iconicidade. A competição dessas duas forças faz com que as gramáticas das línguas nunca sejam estáticas. (MARTELOTTA, 1996, p. 26)

Acreditando na vivacidade da língua e na necessidade de compreender alguns dos aspectos que explicam os diferentes usos característicos da oralidade foi que se empenhou na realização deste trabalho.

5. Discussão dos resultados

5.1. O marcador "*ah*" como dêitico catafórico

Quanto ao valor espacial dos marcadores, Martelotta (1996) admitiu existirem duas trajetórias distintas que geraram diferentes usos de uma partícula. Uma capaz de levar o elemento a assumir funções anafóri-

cas e outra catafórica, que, por sua vez, gerou valores temporais e inferíveis. A função catafórica se referia, às vezes, que um determinado elemento se reportava a um item que ainda não havia aparecido no discurso, tratando-se, portanto, de uma inferência ao novo. (MARTELOTTA, 1996)

Os segmentos abaixo apresentaram exemplos da expressão *"ah"* com a função de introduzir uma nova fase de relato no discurso:

> **Ex.: 1.**
>
> E: João Batista... conta pra mim alguma coisa que você escreveu e que te marcou...
>
> I: *ah*:: o que me marcou é:: as passagens da igreja que diz... que nós devemos amar ao próximo como a nós mesmo... entendeu... e isso me marca muito... (Narrativa de experiências pessoal, João, 46 anos, PROEJA – Ensino Médio, p. 201).

> **Ex.: 2.**
>
> E: conte pra mim então alguma coisa que você escreveu e que te marcou... um fato:: acontecido... engraçado... constrangedor... que marcou você muito nessa trajetória da escrita...
>
> I: eu fiz formação de professor durante quatro anos... [*ah é*...] e:: nessa formação de professor...cada estágio que a turma:: [uhn... uhn...] é:: fazia na escola... a professora pedia um relatório no final de cada:: de cada aula... um relatório escrita à mão... de caneta azul... e foi isso... durante esses quatro anos... todo final de aula... a gente relatava aquilo que aplicava na sala de aula junto com os alunos... (Narrativa de experiências pessoal, Renata, 22 anos, PROEJA – Ensino Médio Incompleto, p. 209).

Na análise das transcrições, pode-se perceber que após a utilização do dêitico *"ah"*, os alunos do PROEJA inseriram uma inédita informação no decorrer do discurso. Analisando as falas, percebemos a ocorrência desse elemento em narrativas orais de experiência pessoal, momento no qual os falantes foram induzidos a explorarem o campo de suas experiências e eventos cotidianos, registrados na lembrança. Tratou-se, portanto, da utilização na comunicação oral, de um elemento coesivo catafórico, uma vez que seu uso se transformou em um recurso que apontava para a emergência de um novo nível discursivo. Este uso correspondeu à gênese de um processo de discursivização da língua, conforme reforçou os trechos abaixo:

Ex.: 3.

E: Nivaldo... conte pra mim alguma coisa que você escreveu e que te marcou...

I: *ah*:: uma alteração de uma receita que eu fiz... até brincando a:: a vaca atolada... eu botei o nome da receita de:: bezerra atolada... que a carne não continha osso... eu fiz com a picanha... ((risos)) (Narrativa de experiências pessoal, Nivaldo, 36 anos, PROEJA – Ensino Médio Incompleto , p. 209).

Ex.: 4.

E: me ensina a fazer alguma coisa que você saiba fazer super bem...

I: *ah*... o que eu sei fazer bem é pipa...

E: uhn...

I: ou seja... primeiro você pega o bambu... corta o bambu... deixa ele fino... bem fino... seja... três bambu... um grande... no meio e dois... assim... no caso... na::... horizontal... aí você pega a linha... passa a linha primeiro no meio... na vareta... ela tá na vertical... no caso... você amarra as outras duas na horizontal... aí cê pega a linha... passa a linha em volta dela todinha... corta o papel de seda... igual... do mesmo tamanho... assim::... no caso... e bota/cola... entendeu?... (Relato de Experiência, Edivaldo, 17 anos, EJA – Ensino Fundamental, p. 219).

Nos trechos anteriores, quando os tipos de narrativas foram as de experiência pessoal e os relatos de experiências, os sujeitos da EJA e do PROEJA, após utilizarem o elemento *"ah"*, fixaram uma nova ideia e/ou explicação ao longo do processo de comunicação.

Ainda quanto à ocorrência do marcador na categoria dêitico catafórico, verificaram-se os seguintes dados a partir da análise do *corpus* (**Gráfico 1**):

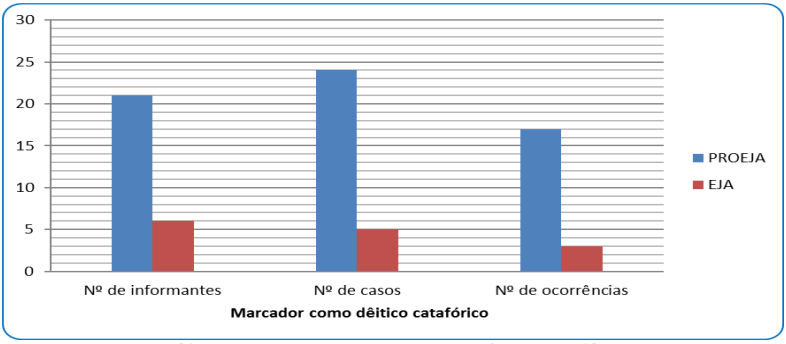

Gráfico 1 – O marcador *"ah"* como dêitico catafórico.

Alguns quadros foram organizados com o intuito de demonstrar a ocorrência do termo, uma vez que se fundamentando no estudo da sociolinguística quantitativa, acredita-se que variantes podem ser demonstráveis a partir de números e dados estatísticos. (LABOV, 2008, p. 10)

A esse respeito, o **Gráfico 1** demonstrou que um expressivo número de alunos do PROEJA apropriou-se do dêitico catafórico *"ah"*, sendo também marcante o número de ocorrências na EJA.

Talvez fosse possível considerar que houve uma considerável tendência das modalidades de educação examinada, EJA, na região Norte Noroeste Fluminense, levando em conta o número de ocorrências do elemento discursivo *"ah"* em termos quantitativos.

5.2. O marcador "*ah*" como dêitico anafórico

Como dêitico, um elemento poderia assumir um valor anafórico, ao fazer referência a um item previamente explicitado no discurso. Os relatos de alunos da EJA e PROEJA do Norte Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro trouxeram alguns exemplos desse uso:

> **Ex.: 5.**
>
> E: descreve pra mim então a frente da sua escola... Ruan...
>
> I: bom... depende né... porque... tipo... tá falando o quê... que não tem estacionamento bom... iluminação...
>
> E: como que você acha que é a frente da escola?
>
> I: *ah*:: devia ter mais um pouco de iluminação né... [ahn... ahn...] ser asfaltada... [uhn... uhn...] tem muito buraco aí né...
>
> (Narrativa de experiências pessoal, Ruan, 21anos, PROEJA – Ensino Médio Incompleto, p. 204).

> **Ex.: 6.**
>
> E: não eu não sou daqui...
>
> I: *ah* cê num é daqui?...
>
> (Narrativa de experiências recontada, Creuza, 51anos, EJA – Ensino Fundamental, p. 245).

Nos fragmentos anteriores, verificou-se nas narrativas de experiência pessoal e nas de experiência recontada que os indivíduos fizeram uso da partícula *"ah"* para se referir a uma fala anteriormente menciona-

da no processo comunicativo. Os relatos nos permitiram compreender também, a importância das narrativas nas pesquisas sociolinguísticas, no sentido de capturar as falas, na sua forma mais espontânea. A esse respeito, Tarallo (1986, p. 22) escreveu que o uso das narrativas "têm demostrado que, ao relatá-las, o informante está envolvido emocionalmente com o que relata (...)" (TARALLO, 1986, p. 22). E é precisamente esta situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador sociolinguística.

Em relação à ocorrência numérica desse marcador como dêitico anafórico, foi possível verificar no *corpus*, como apresentado no **Gráfico 2**:

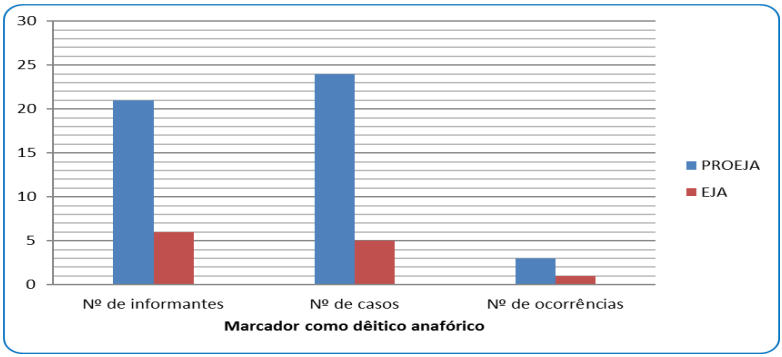

Gráfico 2 – O marcador *"ah"* como dêitico anafórico.

Visualizou-se, a partir do **Gráfico 2**, o relativo percentual de usos do elemento. Em relação ao número de ocorrências, foi possível perceber o uso da partícula *"ah"* como elemento enfático de uma informação anteriormente mencionada. Nos fragmentos dos discursos orais, percebeu-se que os informantes da EJA, em relação aos do PROEJA, utilizaram em maior número a partícula dêitica anafórica, com o intuito de impedir a repetição daquilo que já teria dito.

5.3. O marcador "*ah*" como preenchedor de pausa

Martelotta (2004) mostrou que *gramaticalização* e *discursivização* constituíam processos especiais de mudança linguística. Retomando esses conceitos, o autor conceituou *gramaticalização* como um processo que levaria um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou estratégias comunicativas.

Enquanto que, a *discursivização* levaria o item já gramaticalizado a assumir uma função de marcador discursivo, reorganizando o discurso, quando a sua linearidade fosse perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade na fala. (MARTELOTTA, 2004)

Fundamentando-se nos estudos de Martelotta (2004), percebeu-se que ambos os processos contribuiriam para que o elemento *"ah"* desempenhasse a função de preenchedor de pausa, sobretudo o de *Discursivização,* marcando um momento de interrupção no processo de raciocínio do indivíduo, a fim de evitar uma parada no fluxo da fala dos discentes. (MARTELOTTA, 2004)

Desse modo, o elemento por essa ótica, incorporou a função de organizador do discurso, apropriando-se do artifício da pausa, para organizar mentalmente seus pensamentos, como exemplificou o diálogo seguir:

> **Ex.: 7.**
>
> E: explica pra mim uma experiência que você fez no seu curso?
>
> I: bom... uma experiência que eu fiz no meu curso... *ah*... foram tantas... e: pode escolher uma aí... dessas tantas... (Relato de procedimento, Jean, 36 anos, PROEJA – Ensino Médio Incompleto, p. 199).

No exemplo 1, o elemento *"ah"* figurou um sentido temporal, indicando uma ideia de marca no tempo, desempenhando um papel de pausa da fala. Talvez demonstrasse um intervalo na comunicação oral e uma espécie de continuidade no fluxo nos processos mentais. Esse uso teve como particularidade preencher o vazio causado pela linearidade do discurso como pudemos observar:

> **Ex.: 8.**
>
> E: durante o tempo que você estudou... algo que tenha te marcado... que aconteceu...
>
> I: *ah*... são os professores daqui... nunca tive professores... tipo/tem muitos professores aqui que te apoiam muito... mas... tem muitos que te botam pra baixo entendeu?... (Narrativa de experiências pessoal, Ruan, 21 anos, PROEJA – Ensino Médio Incompleto, p. 203).

Como afirmou Martelotta (1996), de um modo geral, os marcadores discursivos foram usados, primariamente, para reorganizar linearmente as informações no ato do discurso, quando em seu curso, houve a necessidade de organizar as relações textuais. Talvez pudéssemos afirmar

que seu uso foi motivado pelo intuito de evitar que algo impedisse o desenvolvimento da comunicação. Segue outros exemplos:

> **Ex.: 9.**
>
> E: Monique... conte pra mim... alguma coisa que você escreveu... e te marcou muito... pode ser algo positivo... ou negativo... um fato engraçado ou constrangedor... que te marcou muito...
>
> I: *ah*... é tanta coisa que eu escrevo... (Narrativa de experiências pessoal, Monique, 20 anos, PROEJA – Ensino Médio, p. 217).

> **Ex.: 10.**
>
> E: Creusa::... cê pode me contar alguma coisa que tenha marcado a sua vida::?
>
> I: *ah*... o que marcou a minha vida:: foi assim::... um caso que eu tive::... entendeu?... muito bom na minha vida... (Narrativa de experiências pessoal, Creuza, 51 anos, EJA – Ensino Fundamental, p. 217).

Pudemos observar que o elemento *"ah"* fora empregado, como um recurso para completar uma pausa o que, por certo, oferecia condições para que o informante vasculhasse em seu repertório mnemônico o termo mais adequado e reformulasse o seu discurso oral, sendo, portanto por essa característica, considerado preenchedor de pausa.

Avaliando os fragmentos, foi possível concluir que o *"ah"* pouco apresentou valor sintático e semântico, uma vez que, retirado do discurso, não afetaria, contudo, o processo de comunicação e, por conseguinte, do entendimento do contexto em que acontecia o diálogo.

Quanto à ocorrência numérica desse marcador, verificou-se o que apresenta no **Gráfico 3**:

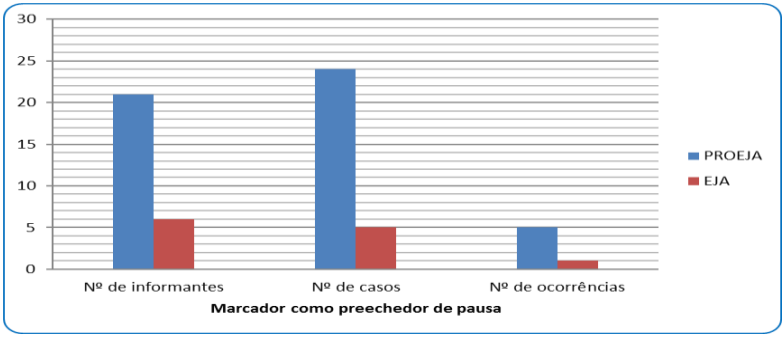

Gráfico 3 – Marcador como preenchedor de pausa.

Em termos explicativos, percebeu-se nos quadros acima, um maior percentual de alunos da EJA que se apropriou do *"ah"* como preenchedor de pausa, mesmo o número de ocorrências sendo mais elevado no PROEJA. Em ambos os casos, porém, a ocorrência não exerceu função gramatical, mas desempenhou uma função de reorganizadora da fala. Apostamos na interpretação de que a preocupação do falante foi de auto sustentar sua fala, solicitando a atenção do entrevistador com o uso do elemento *"ah"*. Notório ressaltar, que esse tipo de uso nos pareceu recorrentes na oralidade, apontando para pistas que nos permitiram demostrar as estratégias utilizadas pelos informantes para alcançar um dos objetivos sociais da língua: uma eficiente comunicação.

6. Breves considerações...

Neste artigo, considerou-se a realidade e o uso social da língua que os autores utilizados para a construção deste trabalho se referiram, ao elencar a base do conhecimento intersubjetivo como complexo vivo da língua falada. Tentou-se, também, explorar e analisar a língua, com foco na fala e sobremaneira em seu uso na vida diária e cotidiana.

A partir dos depoimentos dos informantes dos discentes da EJA moradores da Região Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, em situações reais e espontâneas de interação, percebeu-se que tanto o "*ah*", categorizado como dêitico anafórico, quanto na forma de dêitico catafórico, evidenciaram um processo de discursivização tanto no discurso dos discentes da EJA como do PROEJA.

Confirmou-se, também, na análise empírica dos dados, que o mesmo processo levou a partícula *"ah"* a assumir função de preenchedor de pausa, tratando-se, em notas conclusivas, de um artifício mais abstrato, em que o elemento assumiu a função de orientador da organização discursiva.

Um último dado percebido nas análises dos resultados foi que houve, em termos gerais, em primeiro lugar, uma maior predominância nas ocorrências do elemento, desempenhando a função pragmático-discursiva identificada como dêitico catafórico, sobretudo nas falas dos discentes do PROEJA. Tal dado nos permitiu concluir que, houve nas falas desses discentes, uma maior frequência do uso desse marcador, como uma referência que marcou a introdução de uma nova fase de relato no discurso desses sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. M. V.; MARINHO, J. H. C. Dos marcadores discursivos e conectores: conceituação e teorias subjacentes. *Gláuks*, vol. 12, n. 1, p. 169-203, 2012.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso:* por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTELANO, K. L.; LUQUETTI, E. C. F.; SOUZA, C. H. M. de. Funcionalismo e ensino: uso do operador argumentativo "assim" na fala da região noroeste fluminense. *Revista Interscience Place*, ed. 20, n. 6. jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org.pdf>. Acesso em: 26-08-2014.

ESCANDELL, V. M. V. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, 2006.

FIORIN, J. L. *Introdução à linguística II:* princípios de análise. (Org.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Trad.: Freda Indursky; revisão dos originais da tradução: Solange Maria Ledda Gallo e Maria da Glória Vieira de Moraes. Campinas: Pontes; UNICAMP, 1997.

MARINHO, J. H. C. A atuação do *onde* na articulação discursiva. In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.). *Estudos da língua em uso*: relações inter e intrassentenciais. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos da Língua em Uso, Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: ___. et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.

_____; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. *Gramaticalização e discursivização de assim***.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos.* Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LUQUETTI, E. C. F. (Org.). *A língua falada e escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense*. Núcleo de Estudos Linguagem e Educação, [No prelo].

PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.

VEZ, J. M. *Fundamentos lingüísticos en La enseñanza de lenguas extranjeras*. Barcelona: Ariel, 2000.